



## COMPLEMENTIZADORES EM SENTENÇAS COMPLETIVAS: PASSADO E PRESENTE EM TEXTOS OITOCENTISTAS DO *CORPUS* DOVIC

Sinval Araújo de Medeiros Jr.  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil  
Endereço eletrônico: sinvaljr@gmail.com

Cristiane Namiuti  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil  
Endereço eletrônico: cristianenamiuti@uesb.edu.br

### INTRODUÇÃO

Uma das características das línguas naturais é o fato de elas mudarem. Esse aspecto constitui objeto de diversas pesquisas linguísticas, tanto dos contextos sócio-históricos em que os sistemas linguísticos se inserem quanto da própria estrutura interna dos sistemas linguísticos. Nesse sentido, os trabalhos em Linguística Histórica podem voltar-se para a história externa das línguas ou para sua história interna, concentrando-se em aspectos intralinguísticos – a Linguística Diacrônica (SOUSA, 2006; SILVA, 2008). No que diz respeito ao Português Brasileiro (doravante PB), em cujo passado ainda há muito a desvendar, os trabalhos da Linguística Histórica têm caminhado em ambas as direções, com o propósito de recuperar o passado do PB (SILVA, 2004, p.63).

Esses dois caminhos se intercalam neste trabalho, cujo objetivo é analisar a estrutura de complementação verbal por meio de sentenças completivas finitas, em documentos notariais integrantes do *corpus* histórico de Documentos Oitocentistas de Vitória da Conquista e região – DOVIC (NAMIUTI-TEMPONI; SANTOS, 2017) –, no que diz respeito ao preenchimento do núcleo C do sintagma complementizador (CP)<sup>1</sup>.

Como argumentam Battye e Roberts (1995), é preciso compreender os mecanismos da mudança da língua que fazem com que uma gramática se modifique. Para eles, o estudo da sintaxe diacrônica pode elucidar os processos por meio dos quais isso ocorre. Em relação ao presente trabalho, o *corpus* analisado fornece dados como os apresentados em (01), (02) e (03), com os fenômenos da complementação simples, da complementação dupla e da complementação nula, respectivamente:

<sup>1</sup> Este trabalho vincula-se aos projetos temáticos financiados pela FAPESB (APP 007/2016 e APP 014/2016) e CNPq (436209/2018-7), pois seus autores são ou coordenador ou pesquisadores dos projetos.



- (01) epedi roguei aoCApitam Joam José deSousa Fonseca **que** ameu rogo assignasse
- (02) na verba do seo testamento declarou **que** odito Escravo dando-me trescentos e cincoenta mil reis **que** lhe passasse essa Carta
- (03) pedi aoPadre Jozé Ignacio d'Araújo Pedraõ por mim escrevesse e assignasse perante as- mais testetumas

Enquanto (01) representa a estrutura de completivas finitas ainda hoje presente no PB, (02) e (03) chamam a atenção por a primeira ser um tipo de encaixamento que não se registra na escrita desde o século XVI (RIBEIRO, 2015) e por a segunda ser um tipo de construção encontrada em dados históricos dos séculos XVI e XVII (ANTONELLI, 2014; SOUSA, 2004).

## METODOLOGIA

A metodologia empregada fundamenta-se nos pressupostos da Gramática Gerativa no estudo da sintaxe diacrônica. Parte-se de uma concepção biológica da linguagem para postular a existência de uma faculdade da linguagem responsável por uma Gramática Universal (GU) que “gera” todas as expressões de quaisquer línguas, por meio de princípios universais e de parâmetros particulares das línguas humanas (CHOMSKY, 1993; 1995) – estes, fixados no processo de aquisição da linguagem.

Sendo os princípios universais, as mudanças nas estruturas linguísticas ocorrem, portanto, no momento da fixação dos parâmetros no processo de aquisição da linguagem. Diacronicamente, é possível captar, nos textos escritos, uma mudança que teria ocorrido despercebidamente no vernáculo (KROCH, 2001), uma vez que é o texto escrito o material de trabalho do sintaticista diacrônico (SOUSA, 2004)

Essa concepção é aplicada à análise dos dados coletados no *corpus* DOViC: trata-se de cartas de alforria, textos do século XIX, cuja catalogação registra dados dos documentos físicos e sua digitalização e a partir dos quais se realiza a transcrição dos registros linguísticos.

Os dados encontrados foram organizados em uma planilha na qual se identificam, em relação ao dado histórico, o documento em que foi encontrado o dado (número do livro, número da folha e posição), o número da carta, a página em que o dado foi encontrado e o autor da carta. Em relação ao dado linguístico, controla-se o tipo de estrutura de complementização (simples, dupla ou nula), o verbo da sentença



matriz, o verbo da sentença completiva, a presença de elementos intervenientes entre a matriz e a completiva e o fragmento da carta em que o dado foi localizado.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na pesquisa, realizada a partir do levantamento de dados em 11 (onze) cartas de alforria, foram encontradas 34 (trinta e quatro) sentenças nas quais os complementos verbais são orações subordinadas completivas. Deste total, ocorre a complementação simples em 20 (vinte) sentenças, a complementação nula em 11 (onze) sentenças e a recomplementação (complementação dupla) em 03 (três) sentenças.

Os verbos da sentença matriz, dos quais as sentenças encaixadas são complemento, são verbos de elocução (os chamados verbos *dicendi*: **declarar, dizer, mandar, pedir, requerer, rogar**), majoritariamente. Também foram encontradas sentenças matrizes com os verbos **lograr, querer e saber**. Os verbos das completivas apresentam um repertório mais amplo, de estrutura argumental diversa.

No que diz respeito à presença de elementos intervenientes entre o verbo e a completiva, eles são necessários para a ocorrência da recomplementação e da complementação nula.

Nesse sentido, os contextos estruturais de aparecimento da recomplementação parecem similares ao que verificam Huber (1986[1993]), Silva (1989) e Ribeiro (2015), para o Português Antigo. Segundo esses autores, o processo de recomplementação exige a presença de um constituinte interveniente entre os dois complementadores. Nos dados do *corpus* DOViC, as três sentenças com o duplo **que** apresentaram estruturas complexas entre os complementadores: DPs, PPs e orações adverbiais.

No que concerne à possibilidade da complementação nula, os dados encontrados por Antonelli (2014) para o Português Clássico apontam que a complementação nula ocorre com verbos de atitudes proposicionais, de volição, factivos e semifactivos e de elocução. Estruturalmente, a complementação nula leva à posposição ao verbo do sujeito e dos elementos adverbiais – o que, em última instância representa a presença de elementos intervenientes entre o verbo e a sentença completiva. Além disso, os dados de Antonelli (2014) ilustram a possibilidade de a complementação nula ocorrer sem que haja constituintes foneticamente realizados entre o verbo e a completiva.

Os dados coletados nos textos do DOViC apontam para uma situação



parcialmente distinta. Há semelhança quanto ao tipo de verbo da matriz (de elocução e de volição) e ao fato de que há a necessidade de aparecer um constituinte interveniente entre o verbo e a completiva: sempre o PP argumento do verbo. Todavia, não há casos de posposição do sujeito ou de elementos adverbiais. Além disso, não foi registrada nenhuma ocorrência, com o complementizador nulo, em que a completiva esteja contígua ao verbo da matriz – o que difere bastante dos dados de Antonelli (2014).

Os dados da complementação simples não apresentam informação extraordinária quanto à sua possibilidade de ocorrência – podem ou não aparecer elementos intervenientes entre o verbo e a subordinada.

No ponto de vista da análise da estrutura linguística subjacente aos três tipos de estrutura de complementação, os textos das cartas de alforria parecem representar as seguintes possibilidades: [verbo[**que**][X][**que**[subordinada]]], para a recomplementação; [verbo[X][subordinada]], para a complementação nula; [verbo[**que**[subordinada]]] ou [verbo[X][**que**[subordinada]]], para a completiva simples.

Ribeiro (2015) busca explicar a estrutura de recomplementação a partir da necessidade de as estruturas sintáticas revelarem aspectos da estrutura informacional da sentença: o primeiro **que** está relacionado à expressão da força ilocucionária, e o segundo **que** à expressão da finitude – o que seria favorecido pela presença dos constituintes intervenientes.

## CONCLUSÕES

As estruturas apresentadas em (02) e (03) são especialmente interessantes porque se trata de um fenômeno encontrado em textos escritos de sincronias pretéritas do português, cujas ocorrências vão diminuindo ao longo do período medieval, e que desaparece dos registros escritos nas línguas românicas desde o século XVII. Esse fenômeno ser encontrado em documentos brasileiros do século XIX ilustra o fato de que os processos de mudança linguística não se manifestam abruptamente nos textos, o que permite que estruturas representativas de gramáticas distintas resistam e convivam em uma mesma sincronia. Do ponto de vista da abordagem gerativista à sintaxe diacrônica, a convivência de três estruturas distintas levanta a seguinte questão: trata-se de estruturas distintas correspondentes a três gramáticas distintas em convivência ou seriam três possibilidades de estruturas, no interior de uma mesma gramática?



**PALAVRAS-CHAVE:** Complementizadores; Sentenças Completivas; Português Escrito; DOViC.

## REFERÊNCIAS

ANTONELLI, André Luís. Orações subordinadas sem o complementizador *que* no Português Clássico. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v.30.2, p. 197-212, 2014.

BATTYE, Adrian; ROBERTS, Ian. (org.). Introduction. In: BATTYE, Adrian; ROBERTS, Ian. (org.). **Clause structure and language change**. Oxford: Oxford University Press, 1995. p. 3-28.

CHOMSKY, N. A minimalist program for linguistic theory. In: HALE, K.; KEYSER, S.J. **The view from Building 20**. Essays in Linguistics in honor of Sylvain Bromberger. Cambridge: The MIT Press, 1993. p.2-52.

CHOMSKY, N. **The minimalist program**. Cambridge: The MIT Press, 1995. 420 p.

HUBER, Joseph. **Gramática do português antigo**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986 [1933].

KROCH, A. Syntactic change. In: BALTIN, M.; COLLINS, C. (Eds.). **The handbook of contemporary syntactic theory**. Oxford: Blackwell Publishers, 2001. p. 699-729.

NAMIUTI-TEMPONI, Cristiane; SANTOS, Jorge Viana. Novos desafios para antigas fontes: a experiência DOViC na nova linguística histórica. In: **E-Book do Congresso de Humanidades Digitais em Portugal: Construir pontes e quebrar barreiras na era digital - 2015**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2017 (no prelo).

RIBEIRO, Ilza. **Ensaio em sintaxe diacrônica do português**. Salvador: Edufba, 2015. 384 p.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos. **Caminhos da linguística histórica: “ouvir o inaudível”**. São Paulo: Parábola, 2008. 206 p.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos. **Ensaio para uma sócio-história do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2004. 175 p.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos. **Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do Português Arcaico**. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1989. 870p.

SOUSA, Maria Clara Paixão de. Linguística histórica. In: PFEIFFER, Cláudia Castellanos; NUNES, José Horta. **Introdução às ciências da linguagem: linguagem, história e conhecimento**. Campinas: Pontes, 2006. p. 11-48.

SOUSA, Maria Clara Paixão de. **Língua barroca: sintaxe e história do português nos 1600**. 2004. 366 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.